

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

VINICIUS VIDOR DUARTE

**Notícias que vêm da arquibancada:**

a popularização da torcida do Grêmio FBPA expressa nas páginas do  
Correio do Povo  
(1933 – 1946)

Porto Alegre, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

VINICIUS VIDOR DUARTE

**Notícias que vêm da arquibancada: a popularização da torcida do  
Grêmio FBPA expressa nas páginas do Correio do Povo  
(1933 – 1946)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à graduação  
em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como  
requisito parcial para obtenção de graduação em História.

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Porto Alegre, dezembro de 2012.

## **Agradecimentos**

Agradeço em primeiro lugar como não poderia deixar de ser aos meus pais, Jorge e Josete que são parte de toda minha formação até agora e com certeza farão parte do que ainda vier pela frente. A minha irmã Vanessa pelos conselhos e pela inspiração profissional e pessoal. A minha companheira Josiane que foi compreensiva e um apoio em todos os momentos que precisei. Agradeço a equipe do Museu de Comunicação José Hipólito da Costa e a equipe do Memorial Hermínio Bittencourt do Grêmio em especial a Lusiane Martinez pela atenção e auxílio. Agradeço ao professor e orientador Cesar Augusto Guazzelli também pelo apoio e pela constante inspiração.

## RESUMO

O Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense foi um dos primeiros clubes dedicados ao futebol do país. Tinha em seus primeiros quadros pessoas de muita influência na cidade que circulavam pela mais alta sociedade portoalegrense. Com o decorrer do século XX o futebol chegou a proporções gigantescas em sua interação com a sociedade, e em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul o Grêmio divide as atenções do meio futebolístico com o Internacional, seu coirmão e arquirrival com quem disputa a preferência dos torcedores do estado. Hoje o Grêmio tem entre seus torcedores representantes de todas as camadas sociais, agregando outros meios de identificação com clube que ultrapassaram a muito tempo o elitismo do amadorismo. Observando as crônicas esportivas do jornal *Correio do Povo* esta pesquisa pretende analisar os primeiros movimentos de popularização da torcida do Grêmio que levaram a organização de sua torcida nos anos 1940.

**Palavras-chave:** Futebol. Grêmio. Porto Alegre. Torcidas.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>Introdução</b> .....	6
<b>2</b>	<b>O torcedor no Brasil</b> .....	11
2.1	Da assistência às organizações .....	13
<b>3</b>	<b>O futebol e a imprensa</b> .....	19
<b>4</b>	<b>A formação da torcida do Grêmio</b> .....	22
4.1	O surgimento do Grêmio: o reflexo da cidade .....	23
4.2	O caminho até a profissionalização .....	26
<b>5</b>	<b>Notícias que vêm da arquibancada</b> .....	29
5.1	A popularização do esporte .....	29
5.2	A popularização e a organização da torcida do Grêmio .....	32
<b>6</b>	<b>Conclusão</b> .....	37
<b>7</b>	<b>Bibliografia e Fontes</b> .....	40

## 1 Introdução

Basta olhar para os lados em qualquer rua da cidade que será possível observar pessoas de ambos os gêneros e das mais diversas idades com alguma camiseta ou assessorio identificado com algum clube de futebol. Sem deixar de falar também da prática diária nas ruas, escolas e quadras fechadas ou então nas dezenas de programas específicos nos mais variados meios de comunicação. O futebol está presente na sociedade de maneira inseparável e a denominação de *torcedor* engloba considerável parte da população. Desde que o futebol se consolidou no Brasil, o público espectador dos jogos nunca foi estável. O que era um esporte das elites urbanas agregou outras camadas sociais em sua prática, virou o esporte das multidões em uma “nação de chuteiras”, mas hoje parte para um processo de elitização<sup>1</sup> praticamente irreversível.

Assim como o futebol praticado no Brasil há pouco mais de um século passou por diversas mudanças em sua forma de se estabelecer na sociedade, durante a consolidação do futebol como prática esportiva, que teve seu ápice no Inglaterra do século XIX, ele passou pelas mais diversas adaptações. Podemos considerar alguns jogos ancestrais como formas semelhantes ao futebol que conhecemos hoje, porém devemos considerar que se tratavam de concepções sociais e culturais muito distintas das nossas.<sup>2</sup> Estes jogos eram disputados em sua maioria sem nenhum regramento e variavam quanto ao tipo específico de público que se envolvia nos jogos, que poderiam ser camponeses como no *soule* na França medieval, por nobres em Florença até o século XVIII ou até mesmo por guerreiros romanos.<sup>3</sup> Contudo nos mais diversos relatos prevalecem o carácter popular destas disputas que geralmente eram parte de rituais ou cerimônias, conforme o relato da obra de Hilário Franco Júnior sobre o *calcio* disputado em Florença.

Originalmente praticado por todos os segmentos sociais, na segunda metade do século XVI ele se tornou exclusividade da nobreza. Ainda assim atraía muita

---

<sup>1</sup> A elitização crescente do público de futebol no Brasil é caracterizada pelo aumento crescente no preço dos ingressos, nas políticas públicas de controle de ordem nos estádios (ver Estatuto do Torcedor, Lei Lei n.10.671, de 15 de maio de 2003) e nas reformas e construção de novos estádios para a Copa do Mundo, remodelados seguindo a tendência elitista inglesa do final do século XX.

<sup>2</sup> FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos Deuses. Futebol, Sociedade, Cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 20.

<sup>3</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Ed. Nova Alexandria, 2010. p. 16.

gente. Em fins daquele século, um contemporâneo estimou em 40 mil o número de espectadores de cada partida<sup>4</sup>.

Pode parecer difícil comprovar realmente o número de 40 mil espectadores para uma disputa de *calcio* em Florença há mais de quatro séculos atrás, no entanto os relatos dão conta de que disputas como estas envolviam toda a cidade o que reforça a ideia de um grande público. Este número parece ainda mais surpreendente se compararmos com a média de espectadores do Campeonato Brasileiro da série A de 2011, que foi de 14.976.<sup>5</sup>

O caráter de público espectador e torcedor parece também ter surgido com o futebol primitivo. O ímpeto de disputa entre os assistentes era grande e em parte gerado pelo fato das disputas serem de ordem local como entre cidades vizinhas, paróquias ou vilas. As agressões entre jogadores eram constantes e a diferença entre os que jogavam e os espectadores era mínima<sup>6</sup>, o que gerava em muitos casos brigas generalizadas.

(...) como ocorreu no ano de 1579 quando um grupo de estudantes de Cambridge se dirigiu a Chesterton para jogar futebol, como era costume acontecer na Terça-Feira Gorda. Os habitantes locais, atentos às possíveis desavenças, prepararam uma grande quantidade de bastões, escondidos no pórtico da igreja, e não tiveram escrúpulos em desferi-los nos estudantes de Cambridge, tão logo irromperam os primeiros desentendimentos<sup>7</sup>.

As disputas de jogos como estes se tornaram empecilhos a ordem requerida por alguns governantes. Desta forma o futebol primitivo desregrado e capaz de comover uma população inteira a práticas violentas foi sendo limitado e proibido através dos séculos. Na Inglaterra e na China no século XIV foram criadas leis proibindo a prática dos jogos de futebol, e o mesmo voltou a acontecer na Inglaterra do século XVII. Porém foi na ilha inglesa que aconteceu a mudança significativa que possibilitou a difusão da prática do futebol como conhecemos hoje por todo o mundo. Mesmo proibido o futebol nunca deixou de ser praticado. Assim como a ascensão imperialista inglesa que se iniciava com o século XIX tinha de ser regrada e pensada de maneira à obtenção de êxito sem margens para desordens, o futebol regrado passou a fazer parte das atividades das escolas privadas e nas universidades inglesas

---

<sup>4</sup> FRANCO. op. cit., p. 17.

<sup>5</sup> Conforme site Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Disponível em: <www.cbf.com.br>. Acesso em 23 outubro 2012.

<sup>6</sup> GIULIANOTTI. op. cit., p. 17.

<sup>7</sup> DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e seus torcedores**. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Porto Alegre: UFRGS, 1998. p. 17.

como forma de desenvolver capacidades morais e físicas nas suas elites. Durante muito tempo, houve uma diferenciação entre as regras estabelecidas pelas escolas gerando confusões nas disputas entre escolas de diferentes regiões. Foi em 1863 que por fim foram estabelecidas regras uniformes para o futebol na Inglaterra e foi criada a *Football Association* que representava os principais clubes ingleses.

A concepção do futebol moderno como conhecemos foi então fruto das elites, mas na própria Inglaterra foi logo difundida pelas massas mais populares. Na década de 1870 já se formavam na Inglaterra os primeiros clubes de fábricas como o West Ham e o Arsenal, assim como nos anos seguintes o futebol começou a ser praticado também nas escolas públicas. O gosto pelo esporte já era grande pelos anos em que o amadorismo – primando pelo esporte aristocrático e de corte – e o profissionalismo – aceitando um maior número de jogadores em seus quadros e os remunerando pelos seus jogos – marcavam as disputas pela Copa da Inglaterra. Multidões mostravam-se dispostas a pagar para ver a equipe de sua cidade ou de sua fábrica jogar contra rivais locais<sup>8</sup>.

Isso fica evidenciado com o crescente aumento de público nas finais deste campeonato passando de dois mil espectadores em 1872 para 43 mil em 1893<sup>9</sup>. O aumento do público inglês representa a transformação do esporte que agora traz consigo marcas diferentes daquelas das elites das escolas inglesas. É com o advento da industrialização acompanhada da urbanização e modernização das cidades, que questões como a distinção entre aristocracia e plebe acabam ficando a parte perante as novas identidades formadas seja entre cidades, fábricas ou países, se refletindo nas disputas entre os clubes de futebol.

Podemos constatar, que durante séculos nunca deixou de existir em algum lugar do mundo um grupo de pessoas dispostas a utilizar uma bola e meia dúzia de regras básicas, ou a total ausência delas, para buscar o prazer, o aperfeiçoamento de técnicas militares e físicas ou a contemplação ao divino. E durante todo este tempo também não podemos deixar de perceber a popularidade e a importância social destas disputas nos seus mais diversos momentos. Estudar por sua vez o esporte é estudar e compreender a sociedade. O esporte se relaciona diretamente com as mais diversas práticas sociais conforme afirma em sua análise Eric Dunning:

---

<sup>8</sup> FRANCO. op. cit., p. 35.

<sup>9</sup> Ibid, p. 34.



(...) los deportes y los juegos son figuraciones sociales que están organizadas y controladas y que asimismo la gente presencia y juega. Además, no están desligadas de lo social ni flotan libremente, sin relación con la estructura más amplia de interdependencias sociales, sino que van entrelazadas, a menudo inextricablemente, con el tejido de la sociedad en general y, a través de éste, con la estructura de las interdependencias internacionales<sup>10</sup>.

Baseado nesta afirmação que tem como base um longo estudo sobre o impacto social do esporte elaborado por Dunning juntamente com Norbert Elias, trago a tona meu interesse no campo de História Social do Futebol e, por sua vez, para esta pesquisa meu particular interesse pelo estudo da formação das torcidas, acreditando que esta é uma característica ainda pouco estudada e que deve ser sempre levado em conta se considerarmos a importância que o futebol toma desde o final do século XIX em todo o mundo.

Este trabalho tem como objetivo estudar de que maneira a imprensa da época, representada pelo jornal *Correio do Povo* apresenta o processo de popularização do esporte e da torcida do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense até a primeira forma de organização de sua torcida, dentro dos marcos do processo civilizador desenvolvidos por Norbert Elias<sup>11</sup>. Neste caso podemos definir o processo civilizador como uma rede de processos sociais inter-relacionados que estruturam tal processo.

[...] la seriedad cada vez mayor del deporte moderno puede atribuirse en gran medida a tres procesos interrelacionados, que son: la formación del Estado, la democratización funcional y la difusión del deporte a través de la cada vez más dilatada red de interdependencias internacionales. Los dos primeros, ambos entrelazados en las largas cadenas de interdependencia, son naturalmente los procesos estructurales profundos por medio de los cuales Elias explica principalmente la sociogénesis del proceso de civilización<sup>12</sup>.

O campo específico das torcidas organizadas – e sua atual relação com a violência – é o que parece render mais pesquisas dentro das ciências sociais, e as definições de “torcida” e de “torcida organizada” serão estabelecidas no segundo capítulo. Os processos estruturantes citados acima também servem de base para este trabalho já que a análise que me proponho a

<sup>10</sup> ELIAS, Norbert. DUNNING, Eric. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 249.

<sup>11</sup> O *processo civilizador* é abordado na obra de Norbert Elias que leva o mesmo nome de 1939, e traz uma perspectiva sobre as mudanças que ocorrem na sociedade de maneira comportamental da Idade Média até o século XIX, onde a força das tradições e a influência do comportamento das aristocracias acabam por moldar o homem moderno, mais polido e mais *civilizado*. O esporte assim é parte deste processo segundo Elias por direcionar as tensões e emoções do homem moderno.

<sup>12</sup> ELIAS; DUNNING. op. cit., p. 257.

realizar esta diretamente relacionada ao momento em que o futebol no Brasil estabelece com sua profissionalização em 1933 sua democratização funcional assim como se estende em uma cada vez maior rede de interdependências no qual a imprensa é parte integrante. Em Porto Alegre o meio jornalístico moderno, com um viés maior de imparcialidade e que passa a ser o meio de informação e entretenimento a população se desenvolve com o advento do século XX e tem como jornal mais representativo do período o *Correio do Povo*. As definições para a utilização do *Correio do Povo* para este trabalho serão percorridas no terceiro capítulo. É necessário também estabelecer um histórico de como a torcida do Grêmio se forma desde os primeiros anos de sua fundação, do carácter aristocrático das primeiras reuniões de sócios à necessidade de expansão de seu quadro social, esta análise será feita no quarto capítulo. Por fim no quinto capítulo será feita a análise dos relatos extraídos do *Correio do Povo* que dão conta da organização desta torcida incentivada pelos seus diretores e a constatação do fim da era aristocrática do futebol no clube.

## 2 O torcedor no Brasil

As torcidas ditas organizadas no Brasil são atualmente um alvo de uma associação quase direta com a violência, principalmente pela imprensa, que propagou esta imagem a partir de ocorrências em estádios de futebol dos anos 80<sup>13</sup> na Europa e anos 90<sup>14</sup> no Brasil. A violência no futebol, no entanto é algo que transcende o futebol moderno e vem sendo relatada desde os primeiros anos do esporte no Brasil.

Estava 1 x 0 quando a bola saía pela lateral. Os jogadores passaram a discutir quem teria direito à reposição. Não havia fosso separando a torcida do gramado, nem cães policiais a repelir invasões. De repente, estourou uma briga entre jogadores e torcedores do Grêmio. Foi o início de um tumulto que resultou em cerca de 100 feridos e um preso. Torcedores, jogadores e dirigentes se agrediram a socos, pontapés e bengaladas<sup>15</sup>.

Antes mesmo das torcidas se “organizarem” o futebol já apresentava características de rivalidade que levavam a deflagração de atos violentos durante as partidas de futebol, como no clássico Gre-Nal<sup>16</sup> disputado em 1918 relatado acima.

A possibilidade de organização das torcidas só foi viável no final dos anos 30 quando o profissionalismo se consolidava no futebol do Brasil. A partir de então o esporte, antes restrito às elites, passou a englobar um grande leque de relações sociais que se insere nas mais diversas funções toda a estrutura social da época. Desde jogadores advindos das ligas das periferias a uma estrutura técnica cada vez mais requerida pela crescente disputa dos campeonatos e uma camada dirigente que organiza e regulamenta os jogos, o futebol abriu espaço para todos em uma grande rede de interdependências que se relaciona e reflete a sociedade. As torcidas por sua vez abriram um espaço cada vez maior e a popularização foi inevitável.

Em 1940 surgiu a Torcida Uniformizada do São Paulo que era originária do Grêmio São Paulino, fundado um ano antes por Raymundo Paes de Almeida. Em Porto Alegre

---

<sup>13</sup> Destaque para a tragédia de Haysel na final da Copa dos Campeões da Europa em 29/05/1985, onde 39 torcedores italianos foram mortos.

<sup>14</sup> Destaque para a morte de um torcedor menor de idade ocorrida na briga entre torcidas do Palmeiras e do São Paulo na final da Super Copa de Juniores em 1995.

<sup>15</sup> COIMBRA, David; NORONHA, Nico. **A História dos Grenais**. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1994, p. 23.

<sup>16</sup> O clássico Gre-Nal é disputado entre o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e o Sport Club Internacional desde 1909 e logo se tornou o jogo que representa uma das maiores rivalidades do futebol brasileiro.

também em 1940 é fundado o Departamento de Cooperação e Propaganda do Internacional por Vicente Rao que posteriormente também seria um dos fundadores da Camisa 12 colorada. No Rio de Janeiro em 1942, Jaime de Carvalho organiza a torcida do Flamengo que leva instrumentos musicais aos jogos para incentivar o time fundando a Charanga Rubro-Negra.

Estes precursores da organização de torcidas no Brasil tem em comum o carácter de lealdade reforçado através de seus vínculos diretos aos seus clubes e o intuito de apenas torcer pelo seu time<sup>17</sup>. Esta situação se altera no final dos anos sessenta com o advento das “torcidas jovens” influenciadas pela construção de uma cultura voltada para a juventude amplamente divulgada através da mídia. Politicamente o mundo vivia um período de tentativa renovação das estruturas sendo o ano de 1968 o que teve os acontecimentos mais marcantes. Nesse período torcidas como a Gaviões da Fiel surgiram como uma forma de tentativa de organização perante a diretoria do clube buscando uma mudança política que se refletisse dentro de campo<sup>18</sup>. Outras torcidas *jovens* surgem neste período e se contrapõe as antigas organizações de torcedores trazendo a tona o choque de gerações presente na época.

Hoje as torcidas organizadas trazem características de gerenciamento quase empresarial onde buscam através de apoio do clube ou de venda de produtos ligados a torcida o sustento para jogos, viagens e eventos. Soma-se a isto a característica burocrática militar onde estes torcedores se constituem em um grupo que busca a autoafirmação através da negação do outro<sup>19</sup>, do adversário, da torcida adversária ou até mesmo da torcida do próprio time.

A violência está atrelada à nossa sociedade nos mais diversos meios e a juventude e o futebol são frequentemente ligados a ela. Porém, o que a história nos mostra é que as Torcidas Organizadas são hoje apenas um reflexo da sociedade em que vivemos, assim como foram sendo desde suas origens. Diversos trabalhos acadêmicos recentes<sup>20</sup> tentam resgatar estas

---

<sup>17</sup> TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de Futebol** – Campinas: Autores Associados/FAPESP, 1996. p. 22.

<sup>18</sup> FRANCO, p. 147.

<sup>19</sup> PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Torcidas organizadas de futebol. Identidade e identificações, dimensões cotidianas. In. ALABARCES, Pablo (org), **Futbologías: Fútbol, identidad y violencia em América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2003., p. 41.

<sup>20</sup> Além da compilação de Pablo Alabarces, **Futbologías: Fútbol, identidad y violencia em América Latina** que contém diversos artigos sobre o tema da relação das torcidas organizadas e a sociedade, já referenciada neste trabalho temos também sobre este tema o livro **Torcidas Organizadas de Futebol: violência e auto-afirmação, aspectos da construção das novas relações sociais**, de Carlos Alberto Máximo Pimenta, publicado em 1997, e a pesquisa etnográfica de Viviane Hansen intitulada **Torcida Organizada Os Fanáticos: Relacionamentos E Sociabilidade** de 2007.

origens e apresentar a real relação de uma sociedade excludente e o futebol em suas etapas de modernização até os dias de hoje.

## 2.1 Da assistência às organizadas

Como já ressaltado anteriormente, o futebol carrega desde sua ancestralidade a frequente participação de um público – ativo ou não – em suas disputas. Bernardo Buarque de Hollanda em sua tese de doutorado em História pela PUC/RJ explora o tema da formação das torcidas organizadas no Rio de Janeiro desde a formação das charangas aos grupos mais complexos de torcedores nos anos 60. Bernardo apresenta neste trabalho uma análise sobre algumas definições filosóficas e antropológicas de espectador. Iniciando na definição de Aristóteles da função controladora das emoções e paixões do público pela *catarse* na tragédia grega o autor coloca em contraponto a análise feita do público espectador pelo dramaturgo Berthold Friedrich Brecht. Brecht expunha o carácter passivo que o espectador tinha na visão aristotélica, tornando o teatro um lugar de estranhamento e de distanciamento ou invés de estimular a integração entre divertimento e aprendizagem<sup>21</sup>. Com o advento da modernidade o público esportivo começa a ser alvo de comparação das análises sociais e Brecht então deslumbrado com advento do boxe na Berlim dos anos 1920 observa o espectador esportivo com muito mais identificação com o espetáculo aliando entusiasmo e razão, paixão e lucidez<sup>22</sup>, o espectador agora é capaz de responder aos atos do jogo com palmas gritos e apupos em contraponto a seriedade e complacência do teatro burguês<sup>23</sup>. A empolgação de Brecht com o público esportivo contrastou com a tendência da Escola de Frankfurt que via no esporte uma das armas do capitalismo para manipulação das massas, tornando o futebol, na expressão vulgar, o ópio do povo. É correto afirmar que o futebol é parte do desenvolvimento da sociedade moderna como meio de liberação das fortes emoções, mantendo a ordem da vida social<sup>24</sup>. É necessário, no entanto acrescentar outra perspectiva a visão do público de futebol.

---

<sup>21</sup> HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)**. Tese de Doutorado em História, Rio de Janeiro: PUC, 2008. p. 74.

<sup>22</sup> Ibid., p. 78- 79.

<sup>23</sup> Ibid., p. 85.

<sup>24</sup> ELIAS; DUNNING. op. cit., p. 92.

Nem uma massa em constante clímax pela elevação dos sentidos alcançada com os atos dualísticos do esporte, nem uma porção de pessoas reunidas tragadas pela irracionalidade e desvirtuamento de um simples jogo. O público de esportes e em especial o de futebol sempre foi uma soma de diversos fatores e experiências – entre elas a paixão e a razão – que se confluem em uma única expressão denominada torcida. Porém o momento do jogo, do futebol, do estádio, leva o espectador a um momento ritualístico que transcende o tempo presente.

Na ‘temporalidade do evento’, ou seja, no ritual disjuntivo e, portanto, nos 90 minutos de bola rolando, destacam-se os aspectos propriamente emotivos do embate futebolístico. Não é, contudo, uma temporalidade linear<sup>25</sup>.

O torcedor pode ser sedentário e se desiludir ao ver a falta de preparo físico do seu time, pode ser apolítico e tomar partido nas eleições do conselho do clube, pode ser conservador e ser o primeiro a desferir ofensas contra o adversário. O futebol propicia a criação deste “ser inédito” chamado torcedor. Tendo em conta este carácter transcendente que o futebol propicia ao seu público, as torcidas são alvo constante de diversos estudos e se faz necessário traçar o desenvolvimento deste público no futebol, com ênfase no Brasil.

Para entender o carácter do torcedor no Brasil do início do século XX temos que relembrar o fato do futebol ter sido inserido no país pelas elites locais, que tratavam de manter os pudores e o requinte da sociedade preservando o amadorismo. Tais condições passavam também aos grupos de espectadores que eram em sua maioria nos primeiros anos do esporte no Brasil composto exclusivamente pelos sócios dos clubes. Embora o futebol tivesse tal carácter elitista rapidamente começou a ser praticado e assistido por um grande público que tomava conta dos espaços ao redor dos campos de futebol para assistir os *matches*.

Podemos verificar que os estudos recentes apresentam a denominação de um público de futebol pela imprensa no início do século pela palavra “assistência”. Bernardo Buarque apresenta que a palavra tem como origem o termo em sua conotação erudita que define aqueles que assistem aos espetáculos musicais e de ópera comuns na tradicional elite carioca do início do século<sup>26</sup>. Bernardo, porém ressalta a inversão de conotação quando o termo é

---

<sup>25</sup> DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p. 56.

<sup>26</sup> HOLANDA. op. cit., p. 98.

usado pela imprensa esportiva, assim como também ressalta em sua obra o antropólogo Luiz Henrique de Toledo.

Assistência foi um termo muito comum na imprensa esportiva até os anos 30, definindo o status dos torcedores mais populares, que se contrapunham aos sócios, indivíduos notabilizados por laços mais estreitos, inclusive de parentesco, com os integrantes dos clubes que se projetavam através dos campeonatos patrocinados pelos clubes mais elitizados<sup>27</sup>.

A assistência assim ganha o caráter de grande público, de massa em contraponto ao indivíduo. Esta massa popular presente nos jogos era mal vista pelas camadas burguesas da sociedade, pois insultava os jogadores a violência, a disputa, desvirtuando o cultuado caráter amador do esporte. Toda esta explosão de sentimentos que se via nas arquibancadas dos ainda modestos estádios de futebol do início do século no Brasil, se opunha ao pretexto da inserção dos esportes nos recém-formados centros urbanos do país. Neste momento o esporte, e particularmente o futebol, que vindo da Inglaterra, era símbolo de desenvolvimento e civilidade, tinha em seu objetivo o adestramento do cidadão às regras e às práticas sistemáticas do mundo moderno calcado na indústria e no consumo. O desenvolvimento do futebol, assim como na Inglaterra, tem no Brasil o significado de esporte como meio de civilidade, correspondente às ideias de modernidade e higiene presentes no início do século<sup>28</sup>. Enquanto o futebol era inserido nas camadas mais altas da sociedade dos centros urbanos do Brasil com um propósito definido, outras classes sociais se apropriavam do esporte quase como um mimetismo social<sup>29</sup>.

Aos poucos além do assistente outro termo foi inserido na crônica esportiva da época, a definição de torcida. A palavra “torcedor”, que é usada no Brasil para definir aquele que acompanha um clube, um time ou mesmo o país em um determinado esporte, nos remete ao caráter aflitivo e envolvente do ato de acompanhar disputas esportivas no caso o futebol. No início do século XX quando o futebol ainda se desenvolvia no Brasil, as partidas tinham como seu público alvo homens e mulheres de boa procedência social. Enquanto os homens tinham certa liberdade em gritar e gesticular no incentivo aos jogadores, as damas (suposto que tivessem as mesmas sensações) tinham que se contentar em “torcer” seus lenços de maneira

<sup>27</sup> TOLEDO, Luiz Henrique de. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000. p. 56.

<sup>28</sup> BENCHIOMOL, Jaime. Reforma urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro. In. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida N. Delgado (org), **O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

<sup>29</sup> FRANCO. op. cit., p. 61- 62.

aflictiva com o intuito de extravasar sua percepção do jogo <sup>30</sup>. Este envolvimento da torcida com o jogo e o carácter de devoção também foi inserido em outros países em substituição aos termos de origem inglesa para a definição do público de futebol, como o *adepto* em Portugal, o *tifoso* na Itália, o *le supporter* na França e o *hinch* na América Latina <sup>31</sup>.

Estes torcedores brasileiros que agora tomam conta dos estádios e seus arredores para ver as elegantes disputas entre os clubes amadores são os mesmos que praticam o futebol de forma improvisada nas ruas e que acabam por criar clubes e ligas de forma independente perante a sua não aceitação na participação nos clubes tomados pela elite. Desta forma o futebol no Brasil se prolifera em uma segunda tendência conforme Hilário Franco, que parte das camadas mais populares, diferente daquela estabelecida pelos clubes da elite. O momento econômico do país tende a buscar o desenvolvimento da indústria e a sociedade busca nas ideias de reforma urbana do século XIX na Europa a inspiração para o desenvolvimento das cidades <sup>32</sup>. Rapidamente então o Brasil é tomado por um crescente aumento das populações urbanas e o fortalecimento de relações cada vez mais amplas de interdependências contando com o desenvolvimento de meios de comunicação e de transportes mais abrangentes e eficientes. O que acontece é que com o desenvolvimento destas relações mais diversificadas, o futebol tem o caminho aberto para se tornar o esporte nacional.

As torcidas começam a ganhar cada vez mais notoriedade devido a cada vez maior distinção clubística existente nas grandes cidades. Arlei Damo utiliza a democratização funcional do futebol para explicar a formação de grandes contingentes de torcedores ao redor de um único clube.

O que se passa ao longo da popularização é uma inversão valorativa do ideário clubístico, a partir do qual a diversidade e até mesmo a quantidade de aficionados sobrepõe-se à homogeneidade e à seletividade característica dos clubes de elite. Nessa perspectiva, a tendência foi a concentração da elite dirigente – que migrou da prática para a administração dos clubes, processo denominado “democratização funcional do futebol” – e até mesmo dos torcedores em torno de um número bastante reduzido de clubes que, no decorrer do processo, constituíram os atuais “grandes clubes” e as “grandes torcidas” do futebol brasileiro <sup>33</sup>.

---

<sup>30</sup> HOLANDA. op. cit., p. 96.

<sup>31</sup> HOLANDA. op. cit., p. 94.

<sup>32</sup> JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Construindo a Cidade Moderna: a Introdução dos Esportes na Vida Urbana do Rio de Janeiro. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, V. 13, N.23. 1999. p. 18.

<sup>33</sup> DAMO. op. cit., p. 28.



Diante este processo em que os clubes iniciavam uma tendência a diminuir seu carácter elitista e buscar a maior agregação de torcedores, a imprensa se encarrega de promover concursos para incentivar competição entre torcidas. No Rio de Janeiro, Mário Filho foi o grande responsável pelas grandes disputas entre torcidas.

Mas foi a partir do início dos anos 1930, com as coberturas jornalísticas de Mário Filho na imprensa escrita e nas locuções pelo rádio, que as massas passaram a se vincular mais fortemente a determinados clubes, dentro e fora dos estádios. Mário Filho, em meio a crise entre amadores e profissionais no Rio de Janeiro, contribuiu para a transformação do futebol brasileiro no grande espetáculo das multidões ao promover concursos entre torcedores e estimular sua carnavalização, que desembocaria na elaboração de bandeiras, hinos, símbolos, mascotes e grupos uniformizados<sup>34</sup>.

Nos anos 40 o jornal *A Gazeta* de São Paulo também criou uma disputa entre as torcidas em que o carácter de união, de disciplina e de entusiasmo foram os determinantes do vencedor<sup>35</sup>. Em Porto Alegre o jornal *Folha da Tarde* promoveu em 1944 uma pesquisa em carácter de disputa para saber qual a maior torcida da cidade entre Grêmio e Internacional<sup>36</sup>.

Estes concursos e a disputa frequente entre as equipes de maiores torcidas, possibilitado pelos campeonatos regionais ou municipais, levou um grande número de clubes a estimular a organização destas torcidas. A cada vez maior abrangência das torcidas trouxe também a perda da identidade aristocrática que tinha o público esportivo no início do século. Segundo Luiz Henrique Toledo o que acontece é que o futebol passa também por mudanças em sua maneira jogar visando um futebol mais coletivo, isso se reflete por sua vez nas torcidas.

A crescente normatização da presença torcedora e os sentidos atribuídos a este papel enquanto suporte moral, de elevação da emoção e esteio financeiro de clubes e federações estiveram em consonância a maior internalização e difusão das regras do jogo e de seus fundamentos técnicos coletivos que, de modo explícito, promoviam a universalização tanto da prática dentro de campo quanto fora dele<sup>37</sup>.

---

<sup>34</sup> FRANCO. op. cit., p. 78.

<sup>35</sup> HOLANDA. op. cit. p. 100-101.

<sup>36</sup> **Revista Grêmio 70**, p. 134.

<sup>37</sup> TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas do Futebol: Dimensões Simbólicas de um Esporte Nacional**. Tese de Doutorado em Antropologia, São Paulo: USP, 2000. p. 249.

A década de 1930 no Brasil inicia com uma política de maior inclusão social e de busca pela identidade nacional do governo de Getúlio Vargas. É neste momento também que o futebol se profissionaliza e possibilita o desenvolvimento de uma estrutura voltada ao futebol ainda inédita no país. Os clubes começam a buscar a ampliação de suas torcidas e estimulam a criação de departamentos voltados a divulgação e ao incentivo do clube. As primeiras organizações de torcidas no país têm então algumas características em comum como a figura do torcedor líder que além de comandar a torcida tem vínculos diretos com o clube. Isto é caracterizado por Bernardo Buarque<sup>38</sup> como o primeiro momento de formação de torcidas organizadas no país que se contrapõe ao segundo momento que se dá no final dos anos 60 onde as torcidas começam a ter as características semelhantes as que conhecemos das torcidas hoje em dia.

Passando de um carácter popular desdenhado pela elite e pela imprensa dos primeiros anos de difusão do futebol no país, as torcidas (caracterizadas como um grande contingente popular), que são fruto do desenvolvimento do futebol pelos bairros mais populares e pelo operariado, acabam por refletir as mudanças nas estruturas de organização do esporte estabelecidas pela democratização funcional, as lógicas nacionais de busca de identificação coletiva e pelas mudanças na forma de jogar. A estes grupos que se estabelecem de forma cada vez mais marcante nos estádios a partir do final dos anos 1930 com bandeiras, instrumentos, fogos e serpentinas podemos chamar de primeiras torcidas organizadas do Brasil.

---

<sup>38</sup> HOLANDA. op. cit., p. 48.

### 3 O futebol e a imprensa

Com os dados mencionados até o momento é possível verificar que o futebol no Brasil foi inserido em um período onde o país buscava seu desenvolvimento como uma nação moderna seguindo modelos de desenvolvimento europeus. Desta forma o futebol como esporte importado da aristocracia inglesa, acabou servindo até certa medida como demonstração da evolução que o país fazia rumo ao seu progresso. Junto ao fenômeno esportivo o Brasil passou a contar no início do século com uma nova fase de sua imprensa que deixa de ser claramente política partidária. Diante disso, a imprensa passa a atender a lógica dos grandes meios de comunicação de massas que se apresentam como “imparcial” servindo ao crescente grupo burguês industrial brasileiro<sup>39</sup>. Neste contexto é necessário analisar o momento histórico em que a cidade de Porto Alegre passava e o surgimento do jornal *Correio do Povo*.

Porto Alegre vivia no início do século – assim como os demais centros urbanos do país – um momento de transformação guiado pela urbanização e pela modernidade onde as diferenças sociais são escancaradas e são definidos os locais e espaços de atuação dos grupos que se definem como representantes “reais” da cidade e dos que estão excluídos de qualquer forma de inserção social ou política<sup>40</sup>. Além disso, chega aos trópicos a cultura esportiva que logo é agregada pela juventude da época que além do futebol já se dedicava a outros esportes como o remo e o ciclismo na cidade. Neste contexto é que o grupo, que podemos chamar de dominante, tem na nova imprensa “imparcial” a forma ideal de expressar suas opiniões. Para compreendermos este acontecimento faz-se necessário inserir o que se entende por imprensa. Conforme Maria Capelato e Maria Prado em seu trabalho sobre o jornal *O Estado de São Paulo*, a imprensa é um [...] instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social<sup>41</sup>. Pode-se ainda concluir que o fato do jornal *Correio do Povo* expressar-se como um jornal imparcial desde sua fundação é uma tentativa de se contrapor a estrutura realmente estabelecida, sobre isso Capelato e Prado concluem:

---

<sup>39</sup> FRAGA, Gerson Wasen. **Branco e Vermelho: a Guerra Civil Espanhola através das páginas do jornal Correio do Povo (1936-1939)**. Dissertação de Mestrado em História, Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 14.

<sup>40</sup> ELMIR, Cláudio Pereira. Porto Alegre: a perdida cidade uma (Fragmentos de modernidade e exclusão social no Sul do Brasil). In. **Revista Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre: PUC-RS, v. XXX, n. 2, p. 105-119, dez/2004.

<sup>41</sup> CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino. Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo: Alfa-Omega, 1980. p. XIX.

[...] nega-se aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero ‘veículo de informações’, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social que se insere<sup>42</sup>.

. A neutralidade requerida pelo *Correio do Povo* neste momento atende aos interesses dos grupos dominantes da capital gaúcha, conforme o historiador Gerson Fraga:

Desta forma, a grande imprensa escrita seria aquela atrelada a grandes grupos econômicos, defendendo seus interesses, mesmo que de forma não programada, através de suas páginas, podendo para tal revestir-se de uma imagem de neutralidade política ou mesmo atuar em períodos de exceção<sup>43</sup>.

Cabe a análise que me proponho fazer entender que a imprensa surge neste momento como parte de uma estrutura social que corresponde as demais características de modernidade, sendo a imprensa a responsável por estabelecer redes de interdependência através de sua crescente cobertura. O *Correio do Povo* se insere em todas as camadas sociais da capital gaúcha e com isso é capaz de *construir e moldar* o pensamento comum conforme o interesse dominante.

Assim, a ação ideológica da grande imprensa escrita ocorre no campo da percepção do real, de forma a acobertar, destacar, ou mesmo produzir sensações através da opinião e dos acontecimentos narrados em suas páginas, visando legitimar e perpetuar um *status* de dominação<sup>44</sup>.

O futebol como já destacado traz consigo as representações da cultura inglesa aristocrática onde se desenvolveu. Embora se possa discutir de que maneira o futebol foi inserido no Rio Grande do Sul<sup>45</sup> é indiscutível que em um primeiro momento ele foi apoderado das camadas sociais mais altas da sociedade que viam no esporte o no culto a forma física uma forma de distinção do restante da sociedade. Isto prevaleceu refletido durante muito tempo no *Correio do Povo* desde o primeiro jogo de futebol realizado em Porto Alegre com a fundação do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense em 1903<sup>46</sup>. Assim como no período destacado e pesquisado neste trabalho como o *Correio* apresenta em sua reportagem sobre a posse do novo presidente da AMGEA em 1933.

<sup>42</sup> CAPELATO; PRADO. op. cit., p. XIX.

<sup>43</sup> FRAGA. op. cit., p. 14.

<sup>44</sup> FRAGA. op. cit., p. 15.

<sup>45</sup> SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Futebol: Uma Paixão Coletiva. In. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2006. p. 28-29.

<sup>46</sup> DAMO. op. cit., p. 59-61.

Assim o esporte marchará melhor para atingir seu nobre destino, isto é, para o desenvolvimento da cultura física do homem, sem jamais abandonar a fidalguia e a nobreza de humanos sentimentos<sup>47</sup>.

O *Correio* também se posicionou perante a mudança iminente do futebol em 1933 com o advento do profissionalismo. Expressando bem sua posição como representante dos interesses daqueles que queriam perpetuar o carácter amador do esporte, o jornal publicou seguidas reportagens sobre a vinda de um agente do Fluminense do Rio de Janeiro a Porto Alegre em busca dos nossos *cracks*, ressaltando os aspectos considerados negativos da profissão.

Estão vendo os nossos leitores os “sucessos” do profissionalismo no Rio e em São Paulo? E sinceramente, lamentamos a sorte futura dos nossos “cracks” que se deixarem levar pela miragem enganadora do profissionalismo<sup>48</sup>.

A capacidade de um jornal de grande circulação como o *Correio do Povo* de construir e legitimar um pensamento dominante tem neste aspecto uma importância considerável quando falamos na formação de torcedores de um clube. O *Correio* publicou desde a chegada do futebol a Porto Alegre reportagens a respeito do esporte e de suas características elitistas, no entanto, o futebol se difundiu por toda a sociedade sem que fosse esta a intenção do jornal nem dos jovens esportistas amadores da época. Este fato desperta uma nova forma do jornal expressar o futebol buscando na popularidade conquistada pelo esporte uma maneira mais abrangente de galgar seu público consumidor. As torcidas por fim acabam por encontrar nas páginas das reportagens do *Correio do Povo* uma forma de identificação coletiva com este ou aquele clube.

No início dos anos trinta, o *Correio* ainda não tinha um espaço diário dedicado ao futebol em suas páginas e passa em alguns anos a ter um espaço certo para o esporte e amplia cada vez mais as coberturas das disputas de grandes jogos como o clássico grenal. Nestas coberturas o que antes era visto com maus olhos como os incentivos barulhentos dos torcedores, agora passa a fazer parte de uma atmosfera do jogo de um esporte que naquele momento passa a ser parte incontestável da cultura popular. A análise desta mudança será feita no próximo capítulo com a perspectiva da popularização da torcida do Grêmio.

---

<sup>47</sup> *Correio do Povo*, Porto Alegre, 03 de fevereiro de 1933. p. 4.

<sup>48</sup> *Ibid.*, 11 de fevereiro de 1933. p. 5.

## 4 A formação da torcida do Grêmio

No ano de 1946, em decorrência de um jogo contra o Renner, Salin Nigri<sup>49</sup> providenciou uma faixa para levar ao estádio com os dizeres “com o Grêmio onde estiver o Grêmio”<sup>50</sup>, com o intuito de incentivar os jogadores, assim como foram providenciadas bandeiras, instrumentos musicais e uma imagem do recém-criado Mosqueteiro<sup>51</sup>. Salin naquele tempo já era conhecido como um símbolo da torcida de Grêmio por sua dedicação ao recém-formado Departamento do Torcedor Gremista (DTG). Salin fez parte de um processo de organização da torcida gremista que visava o estímulo e a participação real dos torcedores nas partidas com suas faixas, bandeiras e instrumentos musicais em prol do incentivo ao clube, representando a apropriação total do esporte pelas camadas sociais mais populares da cidade já que a conotação popular dada aos instrumentos musicais, faixas e bandeiras decorria das festas populares de carnaval que se estabeleceram em Porto Alegre entre os anos 30 e 40. As festas de carnaval também tinha carácter segregacionista onde se diferenciavam os clubes fechados de elite e o carnaval popular de rua<sup>52</sup>. Devido a estas inovações, o cenário dos jogos de futebol já não era mais o mesmo de anos antes na capital. O Grêmio que surgira como um clube conceituado nas altas rodas da sociedade porto alegre, aos pouco teve de ir também ao encontro da popularização para se estabelecer entre os grandes clubes do país.

Bem antes da chegada de Tesourinha, em 1952, e da construção do Estádio Olímpico, em 1954, o Grêmio buscava mudar seu status perante seus torcedores. Antes, porém é necessário estabelecer quem eram os sócios e os simpatizantes do clube que o incentivaram em seus primeiro anos.

---

<sup>49</sup> Salin Nigri foi um torcedor símbolo do Grêmio, iniciando suas atividades no clube como bibliotecário até passar ao comando do Departamento do Torcedor Gremista.

<sup>50</sup> Frase que posteriormente seria integrada por Lupicínio Rodrigues ao hino composto por ele em decorrência do cinquentenário do clube em 1953, “*Até a pé nós iremos, para o que der e vier, mas o certo é que nós estaremos, com o Grêmio onde o Grêmio estiver*”, que acabou ganhando o concurso realizado pelo clube e passou a ser o hino oficial. Disponível em: <[www.grêmio.net](http://www.grêmio.net)>. Acesso em 02 dezembro 2012.

<sup>51</sup> O Mosqueteiro foi incluído no simbolismo gremista no ano de 1946, após ser desenhado pelo chargista da *Folha da Tarde* Pompeu inspirado no dirigente gremista Francisco Maineri, a sua imagem foi levada a campo em praticamente todos os jogos no ano em que o Grêmio conseguia ser campeão novamente. Disponível em: <[www.grêmio.net](http://www.grêmio.net)>. Acesso em 02 dezembro 2012.

<sup>52</sup> É obrigatória neste caso a menção a Vicente Rao, criador do Departamento de Cooperação e Propaganda do Sport Club Internacional (primeira torcida organizada do Rio Grande do Sul), que foi o precursor em Porto Alegre da fusão entre festa popular do carnaval e torcida de futebol, sendo ele mesmo Rei Momo do carnaval da cidade por mais de vinte anos.

#### 4.1 O surgimento do Grêmio: o reflexo da cidade

Quando em 1903 em decorrência da excursão do Sport Club Rio Grande a Porto Alegre jovens comerciantes decidiram fundar um clube dedicado ao futebol, a cidade já respirava os ares do *sport*. A capital gaúcha já acompanhava com entusiasmo as disputas de remo e de turfe desde o final do século XIX, onde as principais tribunas eram reservadas para que as moças e as famílias de mais alta classe da cidade pudessem apreciar aquela exaltação ao culto do corpo. A onda esportiva já havia chegado a Porto Alegre, em grande parte devido aos imigrantes alemães, que foram responsáveis pela criação de tradicionais clubes de Porto Alegre como o Ruder-Club Porto Alegre, Ruder Verein Germânia e o Schützer Verein.

O Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense logo que surgiu tinha entre seus principais admiradores, sócios e incentivadores alguns dos nomes mais influentes da cidade como Álvaro Brochado, Hemetério Mostardeiro e Luiz Pinto Chaves Barcellos. Por ser formado por comerciantes não podemos afirmar que o Grêmio era um clube exclusivamente elitista, porém [...] *os ares aristocráticos sopravam na Baixada*<sup>53</sup>. Além disso, estavam também entre seus fundadores alguns descendentes de alemães.

Seus primeiros jogos contra o Fuss Ball Club Porto Alegre – clube fundado juntamente com o Grêmio em 1903 – eram acontecimentos sociais e com frequência eram seguidos de bailes e jantares festivos entre os jogadores, dirigentes, sócios e assistentes (aqui ainda caracterizado pelo carácter aristocrático), assim como se realizou com a inauguração da Baixada em um terreno doado pela tradicional família Mostardeiro.

Além da programação, relativa aos atos oficiais de inauguração, como a realização de uma partida de futebol e de um baile festivo nos salões da vizinha sociedade alemã dos Atiradores, houve desfile desde o centro da cidade, com início no Salão Leopoldina, nele se incorporando muitos associados, jogadores uniformizados, gentis senhorias, tendo na frente batedores em bicicletas enfeitadas com as cores gremistas<sup>54</sup>.

O clube vivera em seus primeiro anos uma grande interação com a sociedade porto alegrense, recebendo diversos convites de outros antigos clubes da cidade como a Sociedade Leopoldina e o Gymnastico Rio Grandense para eventos esportivos e sociais.

---

<sup>53</sup> DAMO. op. cit., p. 107.

<sup>54</sup> **Revista Grêmio 70**, p. 11.

A entrada de novos sócios era frequente, no entanto seleta, tendo o requerente a sociedade ter o aval dos demais sócios.

Mas não bastava apenas ser proposto para ser aceito. Desde o início houve seleção. [...] E havia notificações de que não entrou tal ou qual em balotagem por não ser conhecido de nenhum dos sócios presentes<sup>55</sup>.

Assim o Grêmio formou em seus primeiros anos de existência uma conceituada rede de relações e influências na capital gaúcha se estabelecendo como um clube popular entre a elite da capital.

As partidas de futebol causavam o interesse e a curiosidade de grande parte da população já nestes primeiros anos e o Grêmio, embora jogasse poucas vezes – apenas 19 partidas disputadas até 1909 – atraía um grande e distinto público em suas partidas, como no jogo contra o Sport Club Rio Grande em 1909.

E mais de 4mil pessoas espalhadas por todos os lados, chegando até a impedir os movimentos dos goleiros e dando insano trabalho aos juízes de goals. [...] As senhoras trajavam a rigor. Parecia um prelúdio de baile do Clube do Comércio ou da Sociedade Germânica<sup>56</sup>.

Somente em 1910 com o surgimento de outros clubes – como o Sport Club Internacional em 1909 – é que foi organizado o primeiro campeonato municipal de futebol, a Liga Porto Alegrense de Foot-Ball em que o Militar Foot-Ball Club se sagrou campeão. É a partir do campeonato disputado neste ano que os clubes passam a formar uma maior identificação com seus torcedores, já que o campeonato municipal é disputado em campos nos mais diversos pontos da cidade.

Da mesma forma em que a cidade de Porto Alegre ainda trazia traços de forte distinção social o futebol estabeleceu na sua organização igual distinção. Os times que iniciaram as disputas do Campeonato Citadino (como ficou conhecida a Liga Porto Alegrense de Foot-Ball), não abriam espaços para negros e mulatos em seus quadros. Em razão disto, aproximadamente a partir do ano de 1912 foi organizada a Liga Nacional de Futebol Porto Alegrense, popularmente conhecida Liga dos Canelas Pretas, onde somente jogavam times formados por negros e mulatos. Aos poucos com a introdução paulatina de negros e mulatos

---

<sup>55</sup> **Revista História Ilustrada do Grêmio**, n 1, p. 11.

<sup>56</sup> *Ibid.*, n 1, p. 23



nos clubes que disputavam os campeonatos municipais<sup>57</sup> acabou por desfazer a Liga. Tanto o Grêmio como o Internacional foram mais resistentes em aceitar a miscigenação étnica em seus quadros. Embora oficialmente a contratação de Tesourinha em 1952 tenha sido a primeira de um jogador negro no Grêmio, existem indícios que apontam a existência de outros atletas negros já na década de 1910<sup>58</sup>, porém é provável que estes não assumissem seu pertencimento racial, tornando o Grêmio uma [...] *fortaleza do arianismo, excluindo mestiços de suas equipes*<sup>59</sup>.

O Grêmio é o reflexo da cidade e do meio que o cercava. A fama que carrega até os dias de hoje como clube racista e elitista é em grande parte devido a sua posição social perante a cidade desde sua fundação. Assim como o futebol e os demais esportes além do desenvolvimento físico e moral, também carregavam consigo os ideais racistas que buscavam o desenvolvimento social a todo custo entre tantas outras marcas que ainda permaneciam de estruturas recém-desfeitas<sup>60</sup> da sociedade brasileira. Perante isso Arlei Damo constata:

A segregação racial no futebol porto-alegrense não pode ser explicada elencando-se uma ou duas razões quaisquer, por mais convincentes que possam parecer. Trata-se evidentemente, de motivações anteriores, e até certo ponto, alheias ao futebol<sup>61</sup>.

Aos poucos a inevitável expansão do futebol por todos os aparatos sociais da cidade leva a criação de mecanismos que permitem a manutenção de uma sociedade segregacionista. A profissionalização que oficialmente ocorre a partir de 1933 é parte de uma democratização funcional que leva as camadas mais abastadas da sociedade a se estabelecer cada vez mais no controle e na direção dos clubes e campeonatos de futebol, visa tornar aqueles que ingressam no esporte das camadas mais populares da sociedade apenas meros funcionários e subordinados.

---

<sup>57</sup> Vide a abertura da Liga Metropolitana na década de 20. In DAMO. op. cit., p. 92-93.

<sup>58</sup> Conforme site do clube. Disponível em: <[www.gremio.net](http://www.gremio.net)>. Acesso em 13 novembro 2012.

<sup>59</sup> SILVA. op. cit., p. 31.

<sup>60</sup> O futebol chega ao Brasil oficialmente em 1894, apenas seis anos após o fim da escravidão (1888) e cinco anos após a proclamação da República (1889).

<sup>61</sup> DAMO. op. cit., p. 93.

## 4.2 O caminho até a profissionalização

O futebol brasileiro vivia já nos anos vinte o grande dilema de sua existência: a crescente onda de profissionalismo chegada de fora do país desencadeou o *profissionalismo marrom* no Brasil, que se tratava do pagamento de *bichos* aos jogadores por suas vitórias e resultados. Com certeza no caminho traçado pelo Grêmio ainda prevalecia o ideal amador do esporte pelo esporte, mas aos poucos o pagamento dos jogadores virou algo sistemático, inerente a prática do futebol. A indefinição pela tomada do profissionalismo em Porto Alegre fez com que até 1941 uma dezena de ligas e associações de clubes diferentes fossem criadas e destituídas como entidades máximas do futebol na cidade. O certo é que mesmo com a implantação do profissionalismo o Grêmio ainda relutava em contratar jogadores negros, pagando apenas para contratar jogadores brancos.

Neste momento em que o futebol inicia seu processo de democratização funcional, ou seja a definição dos papéis de cada um dentro de um sociabilidade proposta pelo futebol, é que o jogadores cada vez menos são parte da camada dirigente do clube, algo comum nos primórdios do futebol. A mudança de relações entre os dirigentes e jogadores e reflexo das relações sociais vigentes no país conforme Hilário Franco:

A incorporação de operários, negros e demais segmentos subalternos aos grandes clubes de futebol obedecia à ‘ideologia do favor’, que estabelecia certa proximidade entre um poderoso e seu plantel de clientes, oferecendo falsa impressão de identidade de interesses<sup>62</sup>.

No Grêmio a equipe de futebol cada vez mais se enchia de jogadores buscados pelo interior do estado ou até mesmo no exterior, desta forma o clube conquistou nos anos vinte seis títulos da cidade e três vezes o título estadual. O momento de incertezas não abalou o clube que manteve sua supremacia no futebol gaúcho apesar das mudanças,

Já se cobrava ingressos nos estádios, disputava-se um certame regional e amistosos com equipes de outros estados e do exterior, ampliava-se o espaço do futebol na imprensa, discutiam-se os problemas acarretados pelo profissionalismo marrom e, de mais a mais, Grêmio *versus* Internacional já era Gre-Nal<sup>63</sup>.

---

<sup>62</sup> FRANCO. op. cit., p. 73.

<sup>63</sup> DAMO. op. cit., p. 70.

Arlei Damo ressalta com estas mudanças a inserção do futebol em todas as camadas sociais da cidade, onde as discussões sobre o esporte tomavam conta das rodas de café e o clássico Gre-Nal se tornava o maior embate esportivo da cidade. Além disso, em 1918 o Grêmio inaugurou o segundo pavilhão do Estádio da Baixada e em 1931 o Internacional inaugurou o Estádio dos Eucaliptos, reflexo do aumento constante do interesse da cidade pelo esporte mesmo que ainda não fosse acessível a todos já que também neste momento eram instituídas as bilheterias. *Cobravam-se ingressos, mas o morro ao fundo lotava de gente interessada*<sup>64</sup>. Era esta a divisão social que ainda permeava o futebol em Porto Alegre, separando quem possuía as formas de inserção na prática esportiva daqueles que apenas a observavam ainda como algo distante. Porém o futebol diferente de outros esportes da época tinha fácil apropriação pelos mais diversos públicos, seja como espectador ou como jogador, devido a sua simplicidade.

Torcer e praticar eram práticas iguais, ao contrário das corridas de cavalo ou do remo, esportes com os quais o espectador vibrava, mas não encontrava meios de praticá-lo no dia-a-dia<sup>65</sup>.

Em quanto o futebol profissional se tornava a principal atividade do Grêmio, o clube não deixara de buscar a exaltação física do esporte amador. Com a posse de Aurélio de Lima Py como presidente do Grêmio em 1912, o clube passou a divulgar ainda mais os esportes amadores, tornando o clube uma potência também em esportes como o basquete, tênis e atletismo.

Nascido para o futebol – o próprio emblema revela essa predestinação – o Grêmio começou em 1912 a aparecer também nos esportes amadores. O Dr<sup>o</sup> Aurélio Py estimulou os sócios nesse ano e pelos tempos afora, á prática de jogos ao ar livre no campos dos Moinhos de Vento. [...] Era início de uma nova era de atividades que com o andar do tempo progrediu muito, atingindo, já em 1919, com a realização de olimpíadas internas a níveis bem adiantados no esporte-base, na recreação social e nos exercícios físicos<sup>66</sup>.

O Grêmio conseguiu manter seus departamentos amadores em plena atividade e fez do futebol sua principal fonte de lucros com a constante inserção de novos sócios e as volumosas

---

<sup>64</sup> JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O futebol da Canela Preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre. In: **Anos 90: revista do programa de pós-graduação em História**. Porto Alegre: UFRGS, nº 11, jul/1999. p. 148.

<sup>65</sup> DA SILVA. op. cit., p. 29.

<sup>66</sup> **Revista História Ilustrada do Grêmio**, n 3, p. 24

rendas<sup>67</sup> das bilheterias. As conquistas, o estádio e ampla divulgação da imprensa que se intensificou nos anos 1930 com o rádio, fizeram com que o clube logo fosse reconhecido como um dos mais populares do estado.

---

<sup>67</sup> Conforme constantes referências feitas pelo *Correio do Povo* nos anos quarenta como na manchete da reportagem esportiva após o Gre-Nal disputado em 28 de abril de 1940: *No 1º clássico oficial do ano – Mercida vitória dos diabo-rubros – A marcha do placar: 1x0, 1x1, 1x2, 2x2 e... 3x2! – A renda do match excedeu os 23 contos.* In. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 30 de abril de 1940, p. 6.

## 5 Notícias que vêm da arquibancada

A importância social do futebol ultrapassa as quatro linhas do campo. O futebol passou a ser um dos principais meios de identificação coletiva desde o século XX e dá sentido a vida de muitas pessoas<sup>68</sup> até hoje. Dentro do conceito de democratização funcional é este o fator que mais interessa em minha pesquisa, o fator da formação de um grupo de pessoas dedicadas a assistir ao jogo, dentro desta lógica de popularização do esporte e como o jornal *Correio do Povo* sendo este um veículo de informação com influência do pensamento da elite dominante da época, expressa as mudanças deste público e das formas de torcer dos torcedores do Grêmio Fott-Ball Porto Alegre nos anos 30 e 40.

### 5.1 A popularização do esporte.

Como já abordado anteriormente neste trabalho, o momento da profissionalização do futebol no Brasil faz parte de um processo de uma visível mudança na estrutura do esporte no país. Com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, o futebol passa a ser uma das peças para a construção da nova imagem do brasileiro almejada por Getúlio. Antes elitizado o futebol chega aos anos 30 como um esporte do povo, embora em seus clubes e ligas ainda persistissem os ideais segregacionistas, já existiam muitos clubes formados por operários, trabalhadores, mulatos e negros.

A imprensa tem neste momento o apogeu de sua importância jornalística nos jogos. Porto Alegre é uma cidade dividida entre dois “bambas” do futebol local, Grêmio e Internacional. No início dos anos 30 o *Correio do Povo* não tinha ainda um espaço constante para o futebol em suas páginas. Em sua maioria o espaço da seção *Notas Desportivas* era tomado por esportes como o turfe, o remo e ciclismo. O futebol também dividia a atenção do público com cinema que ganhava espaço cada vez maior nas páginas do jornal como um dos maiores meios de entretenimento da cidade. Nos dias que antecediam o clássico Gre-Nal, porém, o jornal ampliava sua cobertura de destaque ao jogo destacando os treinos e a expectativa dos torcedores durante a semana que o jornal chamava em alguns momentos de

---

<sup>68</sup> DUNNING; ELIAS. op. cit., p. 266.

“semana do sofrimento”. Respeitando, porém os ares de fidalguia que o esporte ainda matinha, o *Correio* com frequência enunciava tais características dos embates:

Quando eles se defrontam, o fazem com galhardia, combatividade, ardor e cavalheirismo. As partidas dos antagonistas de domingo primam pela disciplina, ordem e educação esportiva<sup>69</sup>.

O “cavalheirismo” e a “educação esportiva” são pressupostos dos jogos, mas também servem ao público. Este formado em sua maioria por sócios como um reflexo da tentativa de controle do público participante dos jogos. Com frequência o *Correio* publicava antes dos jogos as delimitações dos clubes para as partidas e eram comuns aos anúncios feitos pelo Grêmio observações como as de restrições a estranhos.

A diretoria pede com empenho, aos srs. sócios em geral, não se fazerem acompanhar de pessoas estranhas, mesmo pagando entrada, visto já ser pequeno o pavilhão para acomodar o grande numero de associados do clube<sup>70</sup>.

O sócio neste contexto tem então uma atenção especial por parte do clube, sendo sua entrada priorizada aos jogos, onde estes se contrapõe a assistência de não sócios. Contemplando a manutenção dos ideais amadores e elitistas, o *Correio do Povo* utiliza com muita frequência para se dirigir aqueles que acompanham o futebol os termos desportistas, adeptos e assistência, sendo o torcedor utilizado em alguns momentos esporádicos, chamando atenção para a cobertura feita após o Gre-Nal de 21 de outubro de 1934, onde a palavra torcedor aparece apenas na matéria sobre “pequenos incidentes”:

Após o encontro, torcedores colorados comparecem à frente do pavilhão gremista e vivem com entusiasmo os campeões de 1934. Registram-se então, pequenos incidentes, prontamente desfeitos pela polícia<sup>71</sup>.

Neste momento o Internacional ainda não havia consolidado sua imagem de clube do povo e parece não haver diferença entre o tratamento dado aos torcedores do Grêmio e do Inter pelo *Correio do Povo*. No entanto o termo torcedor parece estar reservado neste primeiro momento a formas de grande exaltação como neste caso de uma comemoração provocativa por parte dos torcedores colorados ou como na reportagem em referência ao Gre-Nal do dia 09 de abril de 1933 onde é feita referência a comemoração da torcida gremista.

---

<sup>69</sup> *Correio do Povo*, Porto Alegre, 19 de outubro de 1934, p. 9.

<sup>70</sup> *Ibid.*, 26 de outubro de 1934, p. 12.

<sup>71</sup> *Ibid.*, 23 de outubro de 1934, p. 13.

Uma ovação fora do comum ouviu-se nesse instante. A torcida gremista como se uma corrente elétrica lhe perpassasse pelo corpo todo invadiu o gramado conduzindo os vencedores ao triunfo<sup>72</sup>.

A marca de torcedor aparece vinculada a elementos que envolvem paixão, impulso e emoção em contraponto ao ideal esportista que visava o controle das massas e dos corpos onde o torcedor é passivo perante o jogo.

A parte disso a cobertura esportiva do *Correio do Povo* dá pouca atenção ao torcedor nos clássicos Gre-Nal, fazendo referências apenas da grande comoção e da grande quantidade de torcedores nos estádios. Os torcedores por sua vez também não tinham ainda grandes interações durante os jogos que pudessem merecer tal destaque.

Sabemos que o futebol vivia nos anos 1930 uma grande ascensão de popularidade no país com as primeiras Copas do Mundo disputadas a partir de 1930 no Uruguai e com o Campeonato Brasileiro de Seleções de Estados que era disputado desde 1922 que propiciava a integração e expansão do futebol a todo país. Além disso, o rádio já se tornava um elemento comum a vida dos brasileiros e os jogos transmitidos garantiam a difusão do esporte requerida pelo presidente Getúlio Vargas. O *Correio do Povo* apresenta percepções do aumento do número de torcedores da dupla Gre-Nal nos anos 30.

[...] a batalha entre tricolores e colorados deverá assumir as mesmas características das temporadas passadas, uma vez que aumenta progressivamente, de ano para ano, a imensa legião de torcedores de cada um<sup>73</sup>.

Com o passar dos anos o profissionalismo leva o futebol a um patamar ainda inédito no Brasil. As torcidas começam a se identificar com seus grandes ídolos do esporte que chegam ao sucesso vindo de origens humildes assim como foram Leônidas da Silva e Friedenreich. O futebol é a cara do povo brasileiro e os grandes feitos começam a causar grande comoção popular como foi com a conquista do terceiro lugar na Copa do Mundo de 1938<sup>74</sup>. Em Porto Alegre o Gre-Nal também já causava comoção. No ano de 1935 com as comemorações do centenário Farroupilha a cidade viveu intensamente o clássico, principalmente os tricolores após a vitória por 2x0 no lendário último jogo do também

<sup>72</sup> *Correio do Povo*, Porto Alegre, 11 de abril de 1933, p. 9.

<sup>73</sup> *Ibid.*, 29 de outubro de 1937, p. 11.

<sup>74</sup> COSTA, Maurício da Silva Drumond da. Os gramados do Catete: Futebol e Política na Era Vargas (1930-1945). In. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2006. p. 114.

lendário goleiro do Grêmio, Eurico Lara<sup>75</sup>. Lara foi o último dos símbolos de uma era de amadorismo no clube. Porém no final dos anos 30 o Internacional se preparava para mudar o lado do predomínio do futebol na cidade e o Grêmio também teria de passar por momentos de mudanças que chegariam até a sua torcida.

## 5.2 A popularização e a organização da torcida do Grêmio.

Em Porto Alegre os anos 40 iniciaram com as notícias constantes do conflito mundial que se desdobrava na Europa e com uma enchente que colocou a cidade de baixo da água em 1941. Ainda assim a cidade mantinha sua intensa vida social e o esporte fazia parte de tudo isso.

Para o Grêmio os anos 40 trazem um momento de transição e de mudanças. Neste período o clube perde sua hegemonia no futebol gaúcho para a talentosa equipe do *rolo compressor* do Internacional. A crise em campo era o reflexo da crise que vivia o clube internamente onde ainda era grande a resistência da “família tricolor”<sup>76</sup> perante o profissionalismo do futebol.

A sua torcida que cada vez mais crescia e o clube por sua vez aproveitou o momento do aumento de seu quadro social para instaurar algumas novas determinações.

Além de duplicar o número de sócios, através de campanha intensiva, o Prof. Telêmaco Frazão de Lima, pela primeira vez dentro da agremiação, instituiu a carteira de identificação social para os membros do quadro de associados, regulamentando o acesso as dependências do clube, mormente em dias de jogos. [...] Para os sócios efetivos, isto é, adquirentes de Títulos de Fundo Social, franqueou o uso de cadeiras especiais reservadas em local adequado, no pavilhão<sup>77</sup>.

Com estas definições em 1940 o clube passa a distinguir definitivamente a hierarquia social no seu estádio nos dias de jogos, na tentativa de reafirmar o carácter segregacionista

<sup>75</sup> COIMBRA; NORONHA. op. cit., 1994. p. 27.

<sup>76</sup> Expressão usada com frequência pelo *Correio do Povo* para identificar aqueles que faziam parte diretamente das relações sociais do clube. *Com salas separadas para todos os departamentos, [...] dispõe a nova sede ainda de uma copa e tudo quanto se torne necessário a comodidade da família tricolor.* In. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 02 de setembro de 1943, p. 5.

<sup>77</sup> *Revista Grêmio* 70, p. 118.



que o clube mantinha desde sua fundação. Isto, porém não impede a popularização de sua torcida, pelo contrário o estabelecimento de lugares segregados aos sócios efetivos deixa parte do estádio destinada ao público em geral, que tem acesso as dependências do estádio em dias de jogos adquirindo ingressos a preços mais populares. Este público não incluído no quadro social e sem relações diretas com os dirigentes do clube acaba por criar formas de identificação entre si dentro do próprio clube. A socióloga Lever Janet em seu estudo sobre o futebol (em que tem como base o futebol brasileiro) faz a análise da formação de torcedores organizados utilizando o exemplo da Inglaterra.

Na medida em que seus clubes de futebol não são clubes sociais, essas organizações de torcedores muitas vezes se tornam o foco da vida social da comunidade, promovendo festas e bailes<sup>78</sup>.

No caso do Grêmio é necessário ressaltar que o clube ainda é um espaço social, porém a grande massificação do esporte não permite a inclusão de todos torcedores no quadro e na vida social do clube. Além da preocupação com a distinção dos sócios o clube também investiu na expansão da Baixada. No ano de 1943 em decorrência das comemorações dos quarenta anos do clube, foram ampliadas as arquibancadas do estádio.

Novas e confortáveis arquibancadas estão sendo levantadas, destacando-se a que dá fundos para a rua Dona Laura, que ficará com 13 degraus, em lugar dos cinco anteriores<sup>79</sup>.

Para o clube a cada vez maior assistência em seus jogos era um fator positivo para suas finanças. O *Correio do Povo*, por sua vez, passa a dar cada vez mais ênfase aos valores arrecadados nas bilheterias dos jogos, sendo noticiadas as cifras estupendas que os clássicos Grenais geravam passando a casa dos 90 mil cruzeiros<sup>80</sup>.

São noticiadas também pelo *Correio* neste período, novas formas de interação dos torcedores com o clube como a aparições de torcedores nos treinos que antecediam os clássicos Grenais.

Estiveram animadíssimos os derradeiros ensaios, ontem, para o Grenal do próximo domingo. Tanto na Baixada, como na rua Silveiro, numeroso grupo de *fans*

---

<sup>78</sup> JANET, Lever. **A Loucura do futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1983. Pg. 128.

<sup>79</sup> **Correio do Povo**, Porto Alegre, 09 de setembro de 1943, p. 7.

<sup>80</sup> *Ibid.*, 16 de julho 1946, p. 8.

esteve presente ao “apronto”, saindo, tanto uns como os do outro lado, convencidos de que a vitória não lhes poderá fugir<sup>81</sup>.

O grande público do futebol, que nos jogos entre Grêmio e Internacional chegava a ultrapassar a marca dos 15 mil espectadores, gerava além de algumas brigas e confusões alguns incidentes que por pouco não se tornaram grandes tragédias. Em 1943 durante o Grenal disputado no dia 19 de setembro pelo Campeonato Citadino as recém-ampliadas arquibancadas da Baixada ruíram não aguentando o grande público e deixando alguns feridos<sup>82</sup>.

Diante destas constatações que levam o futebol a um processo de popularização e massificação sem precedentes em Porto Alegre, o Grêmio não tem como ficar fora desta mudança e se manter vivendo sob o caráter da fidalguia e aristocracia dos tempos do amadorismo.

As glórias do passado haveriam de ser lembradas, mas era necessário reinventar o Grêmio, atualizá-lo e, principalmente, popularizá-lo. Motivados pelos lucros de distinção e, portanto mais sensíveis à performance do clube, os notáveis foram se afastando, gradativamente, à medida que a crise de resultados se intensificava e o prestígio do Grêmio agonizava. O que diga-se de passagem, não foi de todo o ruim para o clube, antes pelo contrário. Já os torcedores, evidenciando um dos aspectos mais instigantes do pertencimento clubístico, davam mostras da intensidade da paixão pelo Grêmio mesmo em meio à crise<sup>83</sup>.

Damo indica em seu texto que perante a crise aqueles que viviam no ambiente social do clube foram se afastando na medida em que os torcedores, o grande público cada vez mais fazia questão de se identificar com o clube e demonstrar esta identificação. No Grêmio, porém, como na grande maioria dos clubes a iniciativa para esta organização parte por parte do próprio clube. Em 1942 o clube oficializa a criação do departamento Pela Pujança do Grêmio, o P.P.G., que era organizado por torcedores e associados e tinham o papel de divulgar e propagandear o clube<sup>84</sup>. Este foi o primeiro indicio de organização de torcedores em prol único de incentivar o clube no Grêmio e serviria de precursor para outros movimentos.

O próximo passo seria a realização de grandes mobilizações por parte dos torcedores gremistas. Em 1945 o jovem Salin Nigri que era colaborador da biblioteca do clube organizou

<sup>81</sup> Ibid., 10 de setembro de 1943, p. 5.

<sup>82</sup> Ibid., 21 de setembro de 1943, p. 7.

<sup>83</sup> DAMO, op. cit., p. 114.

<sup>84</sup> **Revista Grêmio 70**, p. 129.

um excursão de torcedores para assistir o jogo entre Grêmio e Floriano em Novo Hamburgo, a iniciativa teve êxito e dezoito vagões partiram de Porto Alegre com torcedores, jogadores e dirigentes gremistas<sup>85</sup>. A experiência teve sucesso e foi repetida no ano seguinte no jogo contra o Esperança.

Excursionará, domingo, à vizinha localidade de Hamburgo Velho o esquadrão de profissionais do Grêmio Porto Alegrense [...] Acompanhando a equipe do Grêmio, seguirá uma grande caravana de sócios e torcedores do Campeão do Centenário estando o Departamento do Torcedor Gremista em grande atividade, tendo já sido contratada, na Viação Férrea, uma composição com 10 carros, afim de transportar os excursionistas à vila de Hamburgo Velho<sup>86</sup>.

As grandes mobilizações e mudanças na forma de torcer dos tricolores é resultado das ações do Departamento do Torcedor Gremista (DTG), que embora tivesse Salin Nigri como seu principal entusiasta tinha o comando oficial de Francisco Maineri. As mobilizações dos torcedores para as viagens à Novo Hamburgo e o bom rendimento do clube no ano de 1946 fortaleceram o DTG. Foi após estes episódios que Salin teve a inspiração para criar a faixa com a frase que viraria símbolo do clube: “Com o Grêmio, Onde estiver o Grêmio”. Salin sabia, no entanto que para notabilizar a torcida do Grêmio era necessário repetir as inovações levadas aos estádios por Vicente Rao, chefe da torcida do Internacional. Foguetes, faixas e instrumentos foram providenciados.

Assim em uma atmosfera plena de confiança e de idealismo, gremistas e diabo-rubros irão a Timbauva, com seus simpatizantes devidamente concentrados, com faixas e dísticos característicos e pronto a fazerem um barulho infernal, daqueles que só eles – os tricolores e os colorados – sabem fazer...<sup>87</sup>

As inovações que chegaram as torcidas não eram bem vistas por todos. No Grêmio os mais notáveis e conservadores [...]mostravam-se céticos quanto ao futuro carnavalesco da torcida<sup>88</sup>. Não era, no entanto somente o clube que apresentava certa resistência a mudança. O *Correio do Povo* no ano de 1946 divulgou em seu noticiário esportivo a seguinte determinação da polícia da cidade:

Senhores presidentes – Durante os principais embates de futebol, os associados e torcedores dos clubes disputantes costumam saudar seus jogadores

---

<sup>85</sup> DAMO, op. cit., p. 116.

<sup>86</sup> *Correio do Povo*, Porto Alegre, 04 de junho de 1946, p. 7.

<sup>87</sup> *Ibid.*, 05 de maio de 1946, p. 9.

<sup>88</sup> DAMO, op. cit., p. 117.

fazendo o uso de foguetes, rojões, etc. Essa prática redundava em lamentáveis acidentes, por isso solicito a necessária cooperação desta conceituada agremiação, a fim de que não mais sejam lançados fogos de artifício, foguetes e bombas explosivas, nos campos de futebol, durante os jogos, esclarecendo que os infratores serão devidamente processados [...]<sup>89</sup>

Durante a semana que antecedeu o clássico disputado em 14 de julho daquele ano, o *Correio* noticiava a preocupação dos proprietários e criadores dos cavalos do hipódromo com o transtorno que os fogos causavam aos animais. A oposição interna e externa às novas atitudes dos torcedores, porém não deram resultado e a popularização da torcida do Grêmio dava um passo importante rumo aos anos seguintes, que trariam a criação do novo estádio e a mestiçagem racial de forma oficial ao clube.

---

<sup>89</sup> **Correio do Povo**, Porto Alegre, 13 de julho de 1946, p. 6.

## 6 Conclusão

Hilário Franco Junior em seu livro sobre o futebol faz uma análise que compara e define o futebol em suas mais diversas facetas sociais e antropológicas. A reunião de uma torcida de um time de futebol é sempre uma reunião ritualística agregando ao futebol uma denotação quase sagrada.

A atuação do torcedor no rito do futebol não é em essência muito diferente da atitude das populações tribais que, por meio de pinturas corporais, cantos e gritos, participam no rito das danças guerreiras<sup>90</sup>.

Não por acaso o futebol é considerado por muitos uma religião, e causa sentimentos de devoção incomparáveis como afirmou Hobsbawm: [...] *para muitos membros do proletariado a devoção a Jesus Cristo, Keir Hardie e ao Huddersfeld United era indivisível*<sup>91</sup> [...]

Esta devoção é origem para muitos questionamentos possíveis no campo das ciências sociais, já que é praticamente impossível passar por qualquer situação que envolva a paixão de torcedores diante do seu clube e não se perguntar o porque de tanta dedicação a um clube que não oferece nenhum ganho concreto a seus torcedores ou como tantas pessoas são levadas pelo mesmo sentimento sem se quer tentar se contrapor a isso. Talvez por isso hoje seja cada vez mais frequente o uso do futebol na tentativa de explicação de algumas incoerências sociais.

Sabemos que o momento de expansão do futebol pelo mundo coincide com o momento de formação de novas estruturas sociais e futebol se insere como uma destas alternativas de sociabilidade. Na Inglaterra no momento em que o futebol é agregado pelo operariado e parte para a profissionalização criam-se relações de divisão dentro dos clubes possibilitando uma ascensão social ao operariado nunca imaginada pela burguesia.

Com a profissionalização, a maior parte das figuras filantrópicas e moralizadoras da elite nacional afastou-se, [...] sustentaram uma curiosa caricatura das relações entre classes do capitalismo industrial, como empregadores de uma força de trabalho predominantemente operária, atraída para a indústria pelos altos

---

<sup>90</sup> FRANCO, op. cit., p. 214.

<sup>91</sup> HOBBSBWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 298.

salários, pela oportunidade de ganhos extras antes da aposentadoria (partidas beneficentes), mas, acima de tudo, pela oportunidade de adquirir prestígio<sup>92</sup>.

No Brasil o esporte trazido para o divertimento da elite é apropriado pelas camadas populares que logo se identificam com o jogo de fácil aprendizado e jogado com os pés e logo passa a monopolizar as atenções dos clubes deixando de lado as outras atividades sociais<sup>93</sup>. Os clubes se tornam maiores que o próprio esporte e se tornam meios sagrados de união de pessoas de diversas camadas sociais em busca apenas do prazer. Este, porém público não se formou desde cedo de forma homogênea.

O que se passa ao longo da popularização é uma inversão valorativa do ideário clubístico, a partir do qual a diversidade e até mesmo a quantidade de aficionados sobrepõem-se à homogeneidade e à seletividade característica dos clubes de elite<sup>94</sup>.

Além do fim da homogeneidade o processo de popularização do esporte – que é concomitante ao de profissionalização – apresenta também o incremento de rivalidades sociais que entram em campo com seus clubes, sejam elas étnicas, de classe ou de regiões diferentes<sup>95</sup>. Estas rivalidades, geralmente entre clubes próximos, de mesma cidade facilita a perpetuação do jogo durante a semana imediatamente após a partida tomando conta dos assuntos dos cafés, bares, escolas e empresas<sup>96</sup>. Porto Alegre merece a atenção neste contexto onde dois clubes, hoje centenários, mantem a desde cedo a hegemonia e a rivalidade do futebol no estado fazendo um o oposto e o espelho do outro.

Nesta pesquisa a análise feita sobre a formação da primeira torcida organizada do Grêmio segue esta tendência de rivalidade, sendo o surgimento do DTG do Grêmio uma tentativa de resposta ao Departamento de Cooperação e Propaganda do Internacional, criado por Vicente Rao. Este é o principal elemento deste trabalho, perceber como o Grêmio clube que relutou para deixar os princípios do amadorismo, se transforma nos anos 30 e 40 em um clube de grande massa popular de torcedores onde sua torcida leva para o estádio formas de torcer que eram características desta popularização.

Dentro desta transformação o *Correio do Povo* como representante das ideias elitistas da sociedade porto alegreense, entusiasta do amadorismo e do esporte pelo esporte é capaz de

<sup>92</sup> HOBBSAWM; RANGER. op. cit., p. 297

<sup>93</sup> DAMO, op. cit., p. 40-41.

<sup>94</sup> Ibid., p. 43-44.

<sup>95</sup> GIULIANOTTI, op. cit., p. 26-27.

<sup>96</sup> HOBBSAWM; RANGER. op. cit., p. 297

mudar aos poucos a forma de se referir a torcida e representa-la como de fato é. Um grupo de pessoas alheio as diferenças sociais, que se fazer notar apenas por sua identificação com clube e não pela distinção social que o Grêmio ou qualquer outro clube possam representar. Esta mudança, porém atende aos novos preceitos da imprensa brasileira que vê na massificação de meios como o jornal e o rádio uma forma de aumento de lucros, deixando de lado o privilégio as causas burguesas.

## 7 Bibliografia e Fontes

### Fonte principal

*Jornal Correio do Povo*

1933 – Fevereiro, Abril, Agosto, Setembro

1934 – Outubro

1937 – Setembro, Outubro

1940 – Janeiro, Fevereiro, Abril

1943 – Setembro, Outubro

1944 – Outubro

1946 – Janeiro, Maio, Junho, Julho, Setembro

Disponíveis no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa

### Fontes secundárias

Revista HISTÓRIA ILUSTRADA DO GRÊMIO

Revista GRÊMIO 70

Disponíveis no Memorial Hermínio Bitencourt

### Bibliografia utilizada:

BENCHIOMOL, Jaime. Reforma urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro. In. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida N. Delgado (org), **O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.



CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lúgia. **O bravo matutino. Imprensa e ideologia: o jornal *O Estado de São Paulo***. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

COIMBRA, David; NORONHA, Nico. **A História dos Grenais**. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1994.

COSTA, Maurício da Silva Drumond da. Os gramados do Catete: Futebol e Política na Era Vargas (1930-1945). In. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2006.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores**. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Porto Alegre: UFRGS, 1998. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/biblioteca/recurso/391>>. Acesso em 03 abril 2012.

DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Futebol: Uma Paixão Coletiva. In: DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. (orgs), **Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion**. Madrid: Fondo de Cultura Economica, 1992.

ELMIR, Cláudio Pereira. Porto Alegre: a perdida cidade uma (Fragmentos de modernidade e exclusão social no Sul do Brasil). In. **Revista Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre: PUC-RS, v. XXX, n. 2, p. 105-119, dez/2004. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/civitas/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/1319>>. Acesso em: 08 novembro 2012.

FRAGA, Gerson Wasen. **“A derrota do jeca” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950**. Tese de Doutorado em História, Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16894/000707082.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 09 junho 2012.

FRAGA, Gerson Wasen. **Branco e Vermelho: a Guerra Civil Espanhola através das páginas do jornal Correio do Povo (1936-1939)**. Dissertação de Mestrado em História, Porto Alegre: UFRGS, 2004. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13072/000411862.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 13 novembro 2012.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Ed. Nova Alexandria, 2010.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)**. Tese de Doutorado em História, Rio de Janeiro: PUC, 2008. <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0310346\\_08\\_pretextual.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0310346_08_pretextual.pdf)>. Acesso em: 04 julho 2012.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O futebol da Canela Preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre. In: **Anos 90: revista do programa de pós-graduação em História**. Porto Alegre: UFRGS, nº 11, jul/1999. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6546/3898>>. Acesso em: 16 junho 2012.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Construindo a Cidade Moderna: a Introdução dos Esportes na Vida Urbana do Rio de Janeiro. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, V. 13, N.23. 1999. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2086/1225>>. Acesso em: 01 julho 2012.

JUNIOR, Hilário Franco. **A dança dos deuses. Futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

LEVER, Janet. **A Loucura do futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Torcidas organizadas de futebol. Identidade e identificações, dimensões cotidianas. In. ALABARCES, Pablo (org), **Futbologías: Fútbol, identidad y violencia em América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2003.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Futebol: Uma Paixão Coletiva. In. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2006.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas do Futebol: Dimensões Simbólicas de um Esporte Nacional**. Tese de Doutorado em Antropologia, São Paulo: USP, 2000. Disponível em: <[http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/115801\\_Tese\\_completa.pdf](http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/115801_Tese_completa.pdf)>. Acesso em: 01 novembro 2012.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Autores Associados/FAPESP, 1996.